

Desvendando os labirintos da financeirização na educação básica: perspectivas sobre a Holding Eleva Educaçãoⁱ

Unraveling the labyrinths of financialization in basic education: perspectives on Holding Eleva Educação

Felipe Araujo
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Campinas/SP - Brasil

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de pesquisa de tese que tem como objetivo explicitar e analisar a atuação da holding Eleva Educação no campo educacional brasileiro, destacando sua participação no processo de financeirização na educação básica. A pesquisa, de natureza qualitativa e exploratória, utilizou revisão bibliográfica, pesquisa e análise documental, além do software Gephi para análise dos dados. Considerando que a financeirização é um processo sistêmico e global que atrai diferentes tipos de investidores, identificou-se que a holding está presente nas cinco regiões do país, em franco crescimento e utilizando a inserção de capital estrangeiro por meio de fundos de investimento para tal e prepara abertura de capital em bolsa. Conclui-se que a financeirização tem avançado na educação básica, afetando as dimensões da oferta, gestão e currículo da política educacional.

Palavras-chave: Eleva Educação; Financeirização na Educação Básica; Fundos de Investimento.

Abstract

This article presents the results of thesis research that aims to explain and analyze the performance of the Eleva Educação holding in the Brazilian educational field, highlighting its participation in the financialization process in basic education. The research, of a qualitative and exploratory nature, used a bibliographic review, research and document analysis, in addition to the Gephi software for data analysis. Considering that financialization is a systemic and global process that attracts different types of investors, it was identified that the holding company is present in the five regions of the country, in rapid growth and using the insertion of foreign capital through investment funds for such and prepares IPO on the stock exchange. It is concluded that financialization has advanced in basic education, affecting the dimensions of offer, management and curriculum of educational policy.

Keywords: Eleva Educação; Financialization in Basic Education; Investment Funds.

Introdução

Neste presente artigo são apresentados resultados de pesquisa de tese que busca explicitar e analisar a atuação da *holding* Eleva Educação no campo educacional brasileiro, bem como evidenciar de que modo a referida *holding* se encontra imbricada como o processo de financeirização na educação básica. A tese se encontra vinculada à pesquisa interinstitucional financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que tem o objetivo de caracterizar e analisar as estratégias de inserção de capital financeirizado para oferta educacional. Interessa neste texto, explicitar e analisar as negociações de fusões, aquisições, criações e vendas realizadas pela holding considerando o recorte temporal de 2013 à 2022, haja vista, serem os anos respectivos de criação e da maior negociação realizada pelo grupo.

Dito isto, este texto parte do pressuposto teórico de que a financeirização corresponde ao modo atual de funcionamento do capitalismo global, datado da década de 1980, contemporâneo da mundialização financeira (Bastos, 2013; Lavinias et al, 2017; Galzerano, 2021). Este processo é precisamente marcado pela lógica da especulação, que por sua vez é caracterizada pela decisão de compra/venda de ativos, visando a obtenção de lucro na revenda. Nesse modelo de mercado o lucro reside nas ações dos mercados secundários: ações, imóveis, moedas, crédito, commodities, etc (Bastos, 2013).

O processo de financeirização é sistêmico e mundial, e mesmo impactando de modo diferente os países de economia capitalista tem atraído famílias, bancos, instituições e diversos investidores para negócios financeiros que são determinados pela especulação (Bastos, 2013). Conforme de destaca Adrião e Araujo (2023), o setor educacional não está abstraído desta realidade, visto que se assiste uma tendência por parte da oferta e da demanda de ampliar os mecanismos e ferramentas intrínsecos ao processo de ensino e aprendizagem que se conectam com os interesses dos investidores.

Para Lapavitsas (2013), a financeirização mostra-se como uma forma de absorver o excesso investível da esfera de produção, redirecionando-o para o mundo das finanças. De acordo com o autor a financeirização é caracterizada por três tendências distintas. A primeira, embora a formação de monopólio seja uma característica das economias vigentes maduras, o capital monopólio tornou-se financiado, de modo que grandes empresas não dependem mais de bancos e de seus lucros retidos para financiar seus investimentos. No momento em

que se capitalizam em mercados abertos, que são parcialmente independente dos bancos, são capazes de arrecadar grandes volumes financeiros. Em algumas empresas não bancárias até mesmo salários e bônus são pagos na forma de papéis comerciais em mercados abertos (Lapavitsas, 2013). Cabe destacar que essa prática tem se tornada recorrente em empresas educacionais de capital aberto em bolsa de valores.

A segunda, os bancos se reestruturam a fim de acompanhar as alterações impostas pelas empresas não financeiras, o foco volta-se para a mediação em mercados abertos a fim de obter ganhos com as taxas, comissões e participação no lucro sobre as negociações. Nesse bojo tornam-se alvos os indivíduos e as famílias, já que os bancos passam a ganhar não apenas com os empréstimos, mas também com a gestão das economias e ativos financeiros. Nas últimas décadas o crescimento do mercado de capital aberto permitiu aos bancos aumentarem seus lucros participando de fusões e aquisições de empresas não financeiras, através da orientação para que indivíduos transferissem suas economias para o mercado de ações, bem como pelo controle das taxas de juros dos fluxos de capitais (Lapavitsas, 2013). Nesse contexto, observa-se que as empresas educacionais tornam-se clientes de bancos na contratação de consultorias para a realização de fusões e aquisições de empresas menores e concorrentes do ramo.

No que tange a terceira dimensão, trata-se de um dos movimentos mais marcantes do processo de financeirização, isto é, a comercialização da renda pessoal dos trabalhadores (até mesmo suas casas). Este fenômeno corresponde tanto ao aumento da dívida (no custeio de hipotecas, consumo em geral como educação e saúde) quanto a expansão da participação dos ativos financeiros (pensões, seguros, fundos do mercado monetário). Os bancos facilitaram o consumo das famílias, contudo, também canalizaram suas economias pessoais para o mercado financeiro (Lapavitsas, 2013; Foster, 2009).

Para Harvey (2008), há uma onda de inovações nos serviços financeiros não só para estabelecer conexões mundiais, mas novos tipos de mercados globais, trata-se da financeirização de tudo. De acordo com o autor há uma mudança de poder do setor de produção para o mundo das finanças, os ganhos outrora obtidos pela manufatura não mais significam aumento de renda individual, mas sim a concentração de serviços financeiros.

Dowbor e Blandy (2022, p. 805), apontam que o processo de financeirização é o “motor e o produto” de uma forma imaterial apoderar-se da riqueza, como também, trata-se

Desvendando os labirintos da financeirização na educação básica: perspectivas sobre a Holding Eleva Educação

do resultado da transferência de “recursos de fomento econômico para ganhos improdutivos” através de aplicações no mundo financeiro. Outrossim, conforme salientam Lavinias et al (2017), no caso brasileiro o processo de financeirização apresenta característica singular, visto que as empresas e bancos se unem para redirecionar seus investimentos do setor produtivo para a acumulação de ativos financeiros como uma prática de formação e proteção de patrimônio privado, que se estende da classe burguesa à média, corroborada pela desobrigação que paira no âmbito normativo legal de investimento no setor produtivo.

Uma visão aprofundada sobre os processos que envolvem o contexto educacional permite dizer que, a cada dia mais a habilidade de um país em se desenvolver na esfera produtiva perpassa pela formação de seus cidadãos, tal como pela capacidade de empregar os conhecimentos adquiridos na produção de bens e serviços e no progresso dos direitos sociais. Dowbor e Blandy (2022) apontam que este contexto confere ao processo educativo uma centralidade essencial na formação de riqueza, o que por sua vez atrai a iniciativa privada e seus investidores que enxergam na educação um mercado promissor e lucrativo.

A partir de 2015, grandes empresas educacionais do ensino superior encontraram as primeiras barreiras no processo de concentração de capitais, sejam as impostas pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) contra a fusão entre YDUQS e Cogna, ou mesmo pela exaustão das possibilidades de fusões e aquisições. O que de certo modo fez com que os olhares dos empresários se voltassem para a educação básica, visionando nela a possibilidade de especulação e rentabilidade financeira.

A entrada de capital financeirizado no setor educacional imprime mudanças radicais no processo formativo, tendo em conta que são impostos padrões de gestão nos quais o foco é a diminuição dos custos, logo priorizando o lucro em detrimento da qualidade (Oliveira, 2017). Nesse caso, as instituições educacionais passam a ser controladas pelo capital financeiro, seja por meio de bancos ou fundos de investimentos que ditam o funcionamento do setor com a finalidade de mitigar a concorrência, seguindo a lógica econômica de maximização dos lucros (Chesnais, 1998). Assim, esse contexto enseja o desejo de entender o papel da Holding Eleva Educação frente ao fenômeno do processo de financeirização na educação básica.

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa e percorreu o caminho da natureza exploratória. Os dados apresentados ao longo deste texto são decorrentes de revisão bibliográfica, pesquisa e análise documental, coletados em fontes primárias (*websites*

institucionais da *holding* Eleva Educação e dos fundos de investimentos) e secundárias (pesquisas que dialogam com o tema). Dada a pouca produção e informações sobre as instituições privadas de ensino que ofertam educação básica, recorreu-se do mesmo modo, às fontes especializadas em jornalismo econômico. Para análise de redes da *holding* utilizou-se o *software* de código aberto Gephi.

Este texto encontra-se organizado em cinco partes distintas, sendo esta introdução a primeira, na qual contextualiza-se a temática do artigo. Na segunda, apresenta-se um histórico sobre a constituição da *holding* (fusão, criação, compra e venda) e os fundos de investimentos relacionados com a mesma. Dando sequência é exposto a análise da *holding* em rede pelo Brasil. Na quarta parte discute-se questões relacionadas aos modelos de escola pública e privada. Finalmente, nas considerações são reafirmados os resultados obtidos apontando as limitações e possibilidades de investigações futuras.

A *holding* Eleva Educação: um breve histórico sobre fusões, criações, aquisições e vendasⁱⁱ

A Holding Eleva Educação foi criada no ano de 2013 a partir da fusão coordenada pela Gera Capital entre o colégio Elite Rede de Ensino e o Pensi Colégio e Curso, situados no estado do Rio de Janeiro (Adrião; Domiciano, 2018; Adrião, 2022; Adrião; Araujo, 2023). Ambos os colégios com foco na aprovação de seus alunos em exames específicos, sendo seus alunos preparados através da oferta de cursos pré-vestibulares e preparatórios militares. Neste mesmo ano foi dado início a criação da Eleva Plataforma de Ensino e da unidade de Excelência da Eleva, que comporta as escolas com foco específico na aprovação dos alunos em instituições públicas de ensino superior (Eleva, 2022).

A Gera Capital é uma empresa brasileira de investimentos voltada para o campo da gestão de recursos e tem como objetivo produzir retornos lucrativos aos seus investidores atuando em setores de impacto. A empresa tem como foco trabalhar para maximizar os valores de seus negócios realizando investimentos de longo prazo (Gera, 2023). Vale destacar que por se tratar de uma sociedade anônima e de capital fechado existe uma dificuldade significativa para se encontrar dados relativos aos investimentos realizados, principalmente no que se refere aos valores das transações. Para tal é necessário recorrer ao jornalismo econômico especializado que comumente acompanham as transações referentes ao mundo dos negócios.

Desvendando os labirintos da financeirização na educação básica: perspectivas sobre a Holding Eleva Educação

A Gera Capital, que possui 76% da Eleva Educação, tem como um de seus principais investidores o empresário Jorge Paulo Lemann, detentor de 56% da empresa e o segundo brasileiro mais rico com uma fortuna de 15.8 bilhões de dólares (Samor, 2020; Forbes, 2023). O empresário é controlador do maior grupo de cervejas do mundo conhecido como *Anheuser-Bush InBeve*, tem participações em grandes empresas como as lojas americanas e a *Restaurants Brands International* que controla o *Burger King*. Por meio da sua empresa de *private equity* 3G Capital é o segundo controlador da marca Heinz (Forbes, 2023).

O grupo Eleva Educação no ano de 2014 realizou a sua primeira aquisição ao comprar a tradicional rede de colégios no estado de Minas Gerais. A compra do Colegium Rede de Ensino assinala o início de um processo sistemático de aquisições feitas pelo grupo. Neste mesmo ano a holding educacional deu início a criação da Central de Serviços Compartilhados e realizou o lançamento da Eleva Plataforma de Ensino para escolas parceiras, que passaram a utilizá-la somente no ano seguinte (Eleva, 2022).

Em 2016, foram retomados os processos de aquisições e o grupo comprou o colégio Alfa Rede de Ensino no estado do Paraná, uma das mais tradicionais escolas do sul do país com mais de 30 anos de existência, destacando-se no estado pelo número de alunos egressos aprovados em cursos de medicina (Samor, 2017). Neste ano foi dado início a criação do Laboratório Inteligência de Vida (LIV), uma ferramenta voltada para estimular e desenvolver as habilidades socioemocionais dentro da grade curricular normal, considerando a faixa etária e interesses de cada aluno. O LIV passou a ser implementado nas escolas próprias e parceiras a partir de 2017 (Eleva, 2022).

Decididos a estabelecer um padrão educacional para as escolas do grupo, no ano de 2017, foi criada a unidade de negócio Eleva Global para comportar as escolas do segmento premium (voltadas a classe alta). Também foi lançada a primeira unidade da Escola Eleva, de ensino bilíngue e carga horária de tempo integral, baseada em três pilares principais: Excelência Acadêmica, Inteligência de Vida e Cidadania Global (Eleva, 2022). Situada em Botafogo, um bairro da Zona Sul do estado do Rio de Janeiro, a escola foi inaugurada no espaço onde funcionava a Casa Daros, uma instituição da Casa Daros Latinamerica dedicada à exposição de arte contemporânea latino-americana, com sede em Zurique na Suíça. O processo de aquisição do espaço cultural de 12 mil metros quadrados, contou com a participação do empresário Jorge Paulo Lemann na negociação com a Suíça intermediando a compra do espaço que à época passava por dificuldades financeiras. No ano de lançamento a

Escola Eleva contava com 370 alunos matriculados que pagavam uma mensalidade no valor de R\$ 3.900,00. Esses alunos passaram por um rigoroso processo de seleção e em sua maioria eram de oriundos de outras escolas tradicionais do Rio de Janeiro, como: Colégio Santo Agostinho e Escola Alemã Corcovado (Manechini, 2017).

O ano de 2017, é marcado por um significativo número de aquisições realizadas pela holding Eleva Educação, a começar pela compra da rede de escolas Os Batutinhas Espaço de Educação Infantil, situada no Rio de Janeiro. Na sequência a holding expandiu os investimentos no Estado do Mato Grosso do Sul comprando cinco novas escolas: Mace e Colégio Nota 10, na cidade de Campo Grande; o colégio Delphos, em Dourados; Colégio Total, em Ponta Porã e Dourados; e no Sergipe, o colégio Innovare em Aracaju (Miranda, 2017; Eleva, 2022). As unidades do Colégio Nota 10 tiveram o seu nome e estrutura preservados, a marca foi incorporada nos colégios Delphos e Innovare, os colégios Mace e Total receberam a marcas do colégio Elite (Miranda, 2017). Essas decisões permitem depreender que os valores carregados pelas marcas colégio Nota 10 e colégio Elite possuem lugar de significância dentro da holding em detrimento de outras, identifica-se uma forma de segmentação das marcas específica do mundo dos negócios que buscam satisfazer e fidelizar seus clientes, e são legitimadas pelo processo de financeirização.

Conforme destacado por Adrião e Araujo (2023), essa intensificação de aquisições no Estado do Mato Grosso do Sul foi possibilitada por meio do aporte de capital financeiro internacional da empresa *Warburg Pincus* (gestora de fundos de investimento na modalidade *private equity*) no valor de R\$ 300 milhões. A empresa americana com sede em *New York* comprou 25% da holding Eleva Educação, o que fez a empresa ultrapassar o valor de mercado em mais de R\$ 1 bilhão à época (Samor, 2017).

Diante deste cenário, observa-se a materialização de uma das principais características da financeirização, qual seja, a movimentação transfronteiriça de capital financeiro que ganha força dada a falta de regulamentação estatal da atuação de tais fundos de investimento internacionais dentro do Brasil. Não obstante, é preciso lembrar das palavras Harvey (2008), ao dizer que a não regulação permite a ampliação do campo de atuação do capital financeiro transfronteiriço, de modo que este passa a ocupar todos os espaços possíveis da vida cotidiana, dentre os quais inclui-se a educação.

Desvendando os labirintos da financeirização na educação básica: perspectivas sobre a Holding Eleva Educação

Em 2018, o grupo Eleva adquiriu o colégio Master, uma rede educacional fundada em 1990 no estado do Mato Grosso. Também comprou o colégio CEI do Rio Grande do Norte e o colégio Ideal na cidade de Brasília. Neste mesmo ano foi iniciada a construção da Escola Eleva na Barra da Tijuca (bairro da Zona Oeste marcado pela presença de famílias da classe alta) no estado do Rio de Janeiro. De acordo com Cerqueira (2018), cinco dias após o anúncio de inauguração da unidade da Escola Eleva na Barra da Tijuca já havia uma lista com 1.250 candidatos à espera por uma vaga.

A criação do TEC (Tecnologia e Experiências Criativas) ocorreu em 2019, norteado pelos seguintes eixos: cidadania e identidade digital; biotecnologia; criatividade computacional e interatividade. A ideia é de que essa ferramenta possibilite a formação de “líderes” futuros que saibam prover “soluções para qualquer impasse”, despertando no aluno “todo o seu potencial de cientistas que descobre, aprende e desenvolve novos ensinamentos incansavelmente”, busca ainda “revolucionar as escolas através da cultura maker” (Eleva, 2022). O ano de 2019 também foi marcado pela inauguração da segunda Escola Eleva, unidade da Barra da Tijuca (Cerqueira, 2018).

No mês de janeiro de 2020, a holding comprou o Colégio Boa Viagem (CBV) em Recife (Raposo, 2020) e o aplicativo Agenda Edu, uma ferramenta de comunicação que conecta responsáveis, alunos e escolas (em 2020, o aplicativo já estava em 2 mil escolas cobrando um ticket médio de R\$ 20,00 por aluno) (Samor, 2020). Neste ano o grupo tornou-se sócio da tradicional escola da Bahia, *Gurilândia International School* e *Land School International School*. Dando sequência aos processos de criação de novos serviços e produtos o grupo criou a sua terceira unidade de negócio denominada “PATIO”, destinada a conglomerar um ecossistema de soluções administrativas e pedagógicas que são intermediadas por tecnologia e inovação (Eleva, 2022). Nesse ínterim foi criada a Plataforma Luppa Digital, uma ferramenta de avaliação do desempenho acadêmico dos alunos (no mesmo ano já era utilizada por 134 escolas e mais de 80 mil alunos). Ainda em 2020, foi arrematado em licitação o direito de ocupar o antigo Cassino da Urca e transformá-lo em uma unidade da Escola Eleva, coube à Eleva o pagamento de R\$ 90 mil mensais pelo período de 15 anos (Setti, 2022).

Conforme divulgou o portal de notícias e análises econômicas Istoé Dinheiro em outubro de 2021, a Superintendência Geral do CADE aprovou a negociação de concentração sem restrições entre as *holdings* Eleva Educação e Cogna Educação por meio da troca de ativos da editora e de educação básica (Isto é Dinheiro, 2021). A empresa SOMOS Educação

(subsidiária da Cogna) comprou a Eleva Plataforma de Ensino pelo valor de R\$ 580 milhões. Ao mesmo tempo, a Eleva adquiriu 53 escolas de educação básica da empresa SABER (subsidiária da Cogna) distribuídas em 26 municípios, pelo valor de R\$ 960 milhões. Marcas como Pitágoras, Maxi Colégio, colégio Latu Sensu, Anglo, Centro Educacional Leonardo Da Vinci, entre outras, passaram a pertencer ao grupo Eleva Educação (a negociação excluiu a escola de idiomas *Red Baloon*). Diante desse processo de concentração entre as *holdings*, vale destacar que a negociação ficou conhecida à época como a maior já realizada na educação básica brasileira e, posicionou a Eleva como o maior grupo privado não confessional de educação básica do Brasil. este ano foi marcado ainda pela inauguração da Escola Eleva unidade de Brasília-DF (Oliveira, 2019).

A negociação realizada entre as *holdings* Cogna e Eleva, apontam precisamente um movimento contínuo que persegue o objetivo de formação de oligopólio no campo da educação básica, em outras palavras, trata-se de um processo em que notadamente a Eleva Educação se demonstra empenhada em dominar o mercado da oferta privada de educação básica através de diferentes empresas que pertencem a *holding*. De um lado o grupo Cogna decide se desfazer das escolas e focar apenas nos produtos e serviços a elas agregados (material didático, sistemas de ensino, consultorias e afins), de outro, a Eleva foca não somente nos produtos e serviços agregados, mas também na ampliação da oferta de educação básica privada através de múltiplas marcas e diferentes valores de mensalidades.

Em 2022, o grupo inaugurou na cidade de Recife, estado de Pernambuco, a quarta unidade da Escola Eleva no Brasil (Azevedo, 2021). No decorrer deste ano o grupo fez a sua primeira negociação envolvendo a venda de unidades escolares. O grupo Eleva Educação vendeu a unidade de negócio Eleva Global (escolas premium) para a empresa britânica *Inspired Education Group* pelo valor de R\$ 2 bilhões (Setti, 2022). O *Inspired*, grupo coordenado por Nadim Nsouli, passou a deter as escolas Eleva, Os Batutinhas, Gurilândia, *Land School* e o Centro Educacional Leonardo Da Vinci. Juntas, essas escolas representavam 5% do portfólio de alunos da holding (Jardim, 2022). Ainda neste ano, foi comprada pelo grupo a sua primeira plataforma voltada para a formação continuada de professores, a Kattum, lançada em 2014, inicialmente para auxiliar na gravação das aulas dos professores. A partir de 2018, após uma remodelagem do negócio a plataforma passa a adotar como serviço principal a formação técnica continuada (Valenti, 2022).

Desvendando os labirintos da financeirização na educação básica: perspectivas sobre a Holding Eleva Educação

Cabe salientar que após a negociação com o grupo *Inspired*, a *holding* realizou uma remodelagem e passou a contar apenas com duas unidades de negócios: Escolas (novo nome da unidade Excelência) e Patio. Outra mudança significativa foi no nome da *holding*, que agora se denomina Grupo Salta. Isso se deu por conta da venda da unidade de negócio Eleva Global que comportava a Escola Eleva, o que não permitiria que a *holding*, antiga proprietária, continuasse a utilizar o mesmo nome.

Até o presente momento, o caminho percorrido pelo grupo Eleva Educação se assemelha ao realizado por instituições privadas de ensino superior, fusões e aquisições em série que ao cabo culminam na abertura de capital na bolsa de valores (Oliveira, 2009; Adrião; Domiciano, 2018; Adrião; Araujo, 2023). Observa-se que a Holding Eleva Educação caminha a passos largos para realizar a *Initial Public Offering – IPO* (Oferta Pública Inicial) na bolsa de New York. Conforme destaca Galzerano (2021), a abertura de capital em bolsa de valores apresenta-se como um meio de capitalizar a empresa através de capital fictício, a fim de maximizar a rentabilidade e acirrar a concentração e a centralização de capital, o que por sua vez caracteriza a inserção de uma empresa no contexto de financeirização.

A holding Eleva Educação pelo país: uma análise de rede

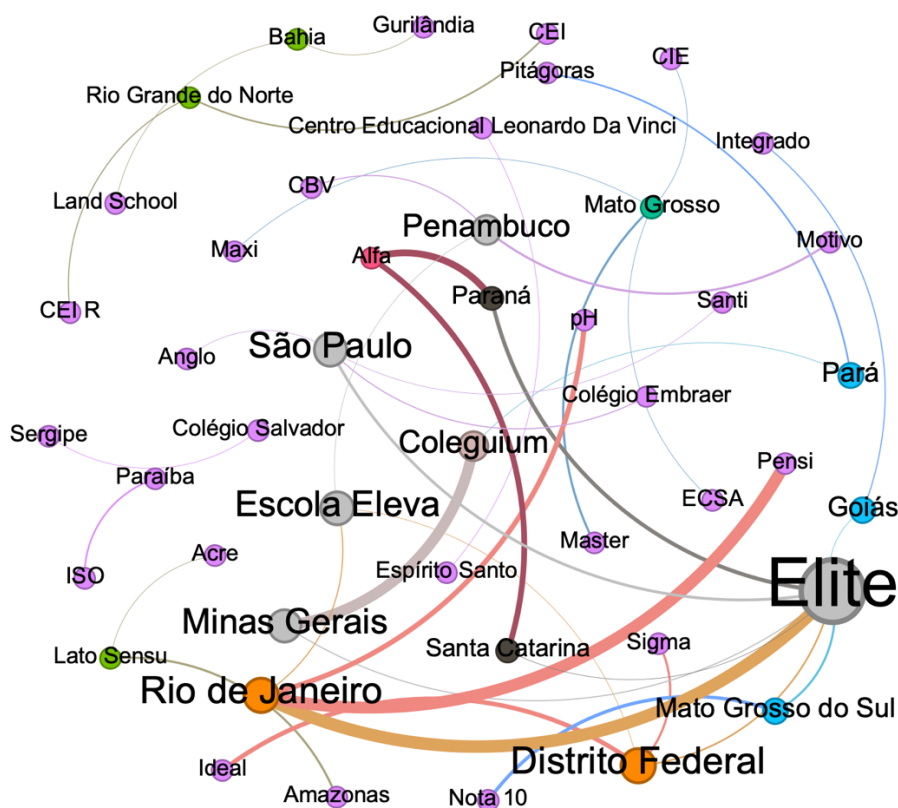
Nas últimas décadas o emprego da análise de redes como metodologia tem crescido, mais precisamente como uma ferramenta que auxilia nas investigações que buscam compreender fenômenos e processos do campo das ciências sociais (Kapuco; Hu; Khosa, 2014). Por meio da análise de redes é possível observar a modelagem sistemática de instituições, atores, serviços, conhecimentos, recursos, etc., que fornecem um conjunto de informações, dados e atributos que os relacionam (Resende, 2020). Trata-se, portanto, de um método de análise que parte da observação das interdependências existentes entre os membros de um determinado meio social e pode ser aplicada para compreender diferentes questões sociais (Marteleto, 2001; Resende, 2020).

O trabalho em rede pode ser reconhecido como uma das formas atuais de organização da vida humana e dos diferentes níveis estruturais de uma instituição moderna. Conforme destaca Marteleto (2001), o estudo das redes tem o propósito de evidenciar um “dado da realidade social contemporânea que ainda está sendo pouco explorado”, em outras palavras, permite que se tenha entendimento sobre como indivíduos e instituições “dotados de recursos e capacidades propositivas”, organizam-se nos “espaços políticos em função das socializações e mobilizações suscitadas pelo próprio desenvolvimento das redes” (Marteleto,

2001, p. 72). Contudo, é preciso ter em mente que a metodologia de análise de redes não representa um fim em si mesma, para além disso, refere-se a um meio pelo qual pode-se fazer análises estruturais onde as formas das redes subsidiam a elucidação sobre os fenômenos e processos sociais em análise (Marteletto, 2001).

O grafo 1 foi construído a partir das informações coletadas e organizadas em uma planilha que foi importada para o Gephi. Foram corridas as medidas estatísticas (grau médio, grau ponderado médio, diâmetro da rede, densidade do grafo, componentes conectados, modularidade e *Statistical inference*) e utilizado o algoritmo *Fruchterman Reingold*. O software possibilitou a criação de uma rede de 46 nós e 40 arestas. A seguir apresenta-se o grafo 1, com as marcas da holding eleva Educação em rede considerando o grau de *betweenness centrality* (Centralidade de intermediação – tradução livre).

Grafo 1 – marcas da Eleva Educação em rede – 2022.



Fonte: elaborado pelo autor com o software Gephi (2022).

O grafo 1, permite observar as marcas e os estados de acordo com o grau de centralidade de cada um. O software organizou a rede dando aos nomes, aos nós e as arestas

Desvendando os labirintos da financeirização na educação básica: perspectivas sobre a Holding Eleva Educação

o tamanho proporcional de sua centralidade que é calculado considerando o quantitativo de unidadesⁱⁱⁱ por marca. Assim, pode-se observar que a marca Elite é quem possui maior grau de centralidade na rede (243), seguida pela Escola Eleva (70.5), Coleguim (46), Latu Sensus (1) e Alfa (0.5). No que diz respeito ao grau de centralidade de localização das marcas, nota-se que o Distrito Federal (79) e o Rio de Janeiro (79) possuem o maior grau, seguido por São Paulo (69), Minas Gerais (66) e Pernambuco (47). Já os estados de Goiás, Mato Grosso do Sul e Pará apresentam o mesmo grau (24), tal como Paraná e Santa Catarina (11.5), seguido por Mato Grosso (6), Bahia e Rio Grande do Norte (1). As demais marcas e estados não apresentaram grau de centralidade na rede dado o pequeno número de unidades.

Os dados indicam como a holding se distribui pelo Brasil com suas marcas em diferentes estados. Ao analisar a rede formada percebe-se que a centralidade não está somente nas marcas, mas também nos estados em que atuam, o que aponta a relevância de marcas e estados específicos em detrimento de outros. O levantamento realizado permitiu inventariar um total de **26 marcas** presentes em **17 estados** e no **Distrito Federal** e, **178 unidades escolares** distribuídas ao longo das **5 regiões do Brasil**. A operação em rede é um movimento comum realizado por grandes grupos empresariais a fim de situar presença em múltiplos espaços e contextos. No caso da holding Eleva Educação, pode-se dizer que trata-se de um movimento de segmentação do negócio e formação de oligopólio da oferta educacional privada de educação que, em certa medida, é financiado e impulsionado por fundos de investimentos atraídos pela lógica da especulação, própria do contexto de financeirização que hora se estabelece no campo da educação básica.

Escola pública e privada: o campo educacional em disputa

A história da educação no Brasil é marcada por um longo processo de disputas em torno de projetos educativos, seja por parte de governos ou de setores organizados da sociedade civil (Araujo; Adrião, 2021). Conforme bem assinalou Cury (2006), no Brasil os normativos constitucionais sempre assentiram a existência de dois grandes grupos de escola na organização educacional: a livre e a regular.

As escolas livres são representadas pelas escolas de idiomas, de natação, de culinária, de informática, entre outras. Essas escolas encontram respaldo no art. 5º da Constituição Federal (CF) de 1988, inciso XIII. De acordo com Cury (2006), os certificados que são concedidos pelas escolas livres não possuem valor formal, porém possuem valor de mercado.

No caso das escolas regulares, trata-se daquelas que emitem certificados/diplomas reconhecidos em nível nacional ou local, concedidos por instituições públicas ou privadas que sejam autorizadas e avaliadas pelo poder público para tal, conforme definido pelo art. 209 da CF. Diferentemente das escolas livres, as escolas regulares se encontram sob os regimentos da Lei 9.394, que apresenta as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Brasil, 1996).

No contexto das escolas regulares a LDB no art. 3º, inciso V, possibilitou a coexistência de estabelecimentos de ensino considerando duas categorias administrativas a pública e a privada, como também, determinou no art. 7º, as condições básicas que devem ser atendidas para o funcionamento da iniciativa privada: inciso I – observar os normativos da educação nacional e de seus respectivos sistemas de ensino; inciso II – aprovação de funcionamento e avaliação da qualidade feita pelo poder público e; inciso III – capacidade de autofinanciamento. O texto legal pormenorizou as diferentes categorias administrativas, de acordo com o art. 19º: inciso I - públicas, são as criadas ou incorporadas, mantidas e administradas pelo Poder Público; inciso II – privadas, são as mantidas e administradas por pessoas físicas ou jurídicas de direito privado. No art. 20º, a LDB subdividiu as privadas em comunitárias, confessionais e filantrópicas (Brasil, 1996).

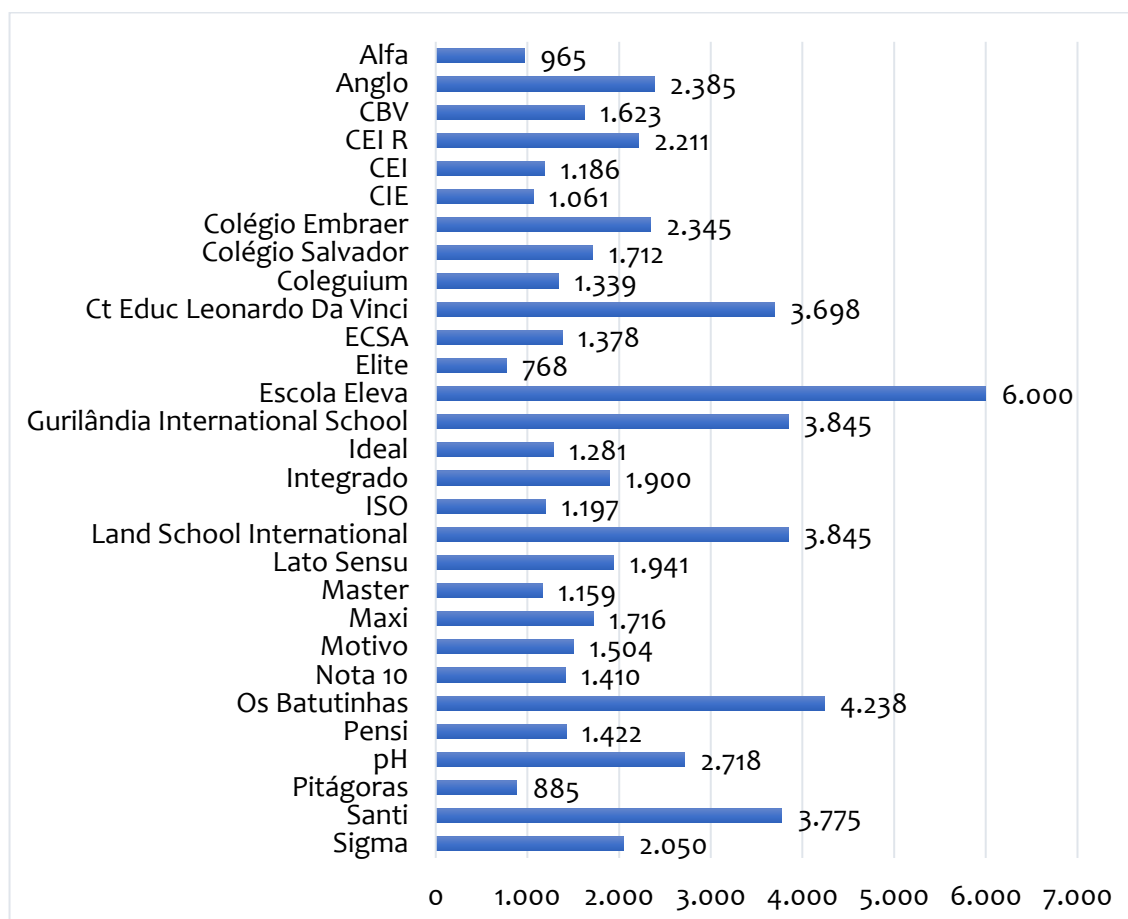
Em 2019, com a promulgação da Lei nº 13.868, houve significativas alterações no texto legal da LDB, mais precisamente nos artigos, 16º, 19º e 20º (Araujo; Adrião, 2021). Conforme analisou Araujo e Adrião (2021), no art. 16º, a alteração retirou a necessidade da instituição privada de ensino superior ser criada e mantida pela iniciativa privada para integrar o Sistema Federal de Ensino, necessitando somente ser mantida por tal iniciativa.

No art. 19º, a alteração tratou de mudar as configurações das instituições privadas enquanto categoria administrativa, as comunitárias deixam de ser uma subcategoria das privadas, se tornando uma nova categoria (Araujo; Adrião, 2021). Nesse mesmo contexto, as confessionais deixam de ser uma subcategoria das privadas e passam a ser uma possível qualificação das privadas e comunitárias. No caso das filantrópicas, também deixam de ser uma subcategoria e se tornam uma certificação concedida à instituição de ensino privada ou comunitária. Com relação ao art. 20º, este foi simplesmente suprimido, levando consigo as instituições particulares privadas em sentido estrito, ou seja, privadas com fins lucrativos. As instituições de ensino lucrativas deixaram de existir, pelo menos no contexto legal, contudo, de modo velado, ainda podem existir como “mantidas e administradas por pessoas físicas ou

Desvendando os labirintos da financeirização na educação básica: perspectivas sobre a Holding Eleva Educação jurídicas de direito privado” (Araujo; Adrião, 2021; Brasil, 1988). Na prática, o que se observa é a ampliação das possibilidades legais de transferência de recursos públicos às instituições privadas de ensino.

Como consequência dessa conjuntura de disputas em torno da educação, observa-se um aprofundamento da educação enquanto mercadoria. Destaca-se o fato de que as tentativas legais de impedir a mercantilização da educação são nulas, mais formais do que efetivas, visto que é como tentar impedir a negociação de produtos em um mercado que há demanda, ainda mais se considerar que os empresários se dedicam justamente a atender tal demanda (Oliveira, 2009). A seguir no gráfico 1 apresentam-se as marcas da *holding* com os seus respectivos valores de *ticket* médio^{iv}, um exemplo de como a oferta educacional é segmentada para contemplar a demanda dos diferentes níveis socioeconômicos.

Gráfico 1 – Marcas da Eleva Educação e valor nominal do ticket médio em reais – 2022



Fonte: elaborado pelo autor com base em Koike (2022).

Observa-se que as escolas que compõem a unidade de negócio Eleva Global (composta pelas escolas premium) são as que apresentam os maiores valores de ticket

médio, sendo o maior das unidades da Escola Eleva que em média custam R\$ 6.000 mensais, seguidas pelas escolas Os Batutinhas no valor de R\$ 4.238 mensais. Na sequência vemos as escolas da Bahia, Gurilândia *International School* e *Land School International* com ticket médio no valor de R\$ 3.845. Já a escola Centro Educacional Leonardo Da Vinci, possui mensalidade no valor de R\$ 3.698, e a rede de escolas mineira Colegium, a mensalidade custa R\$ 2.867.

No segmento de escolas que compõem a unidade de negócio Excelência (agora Escolas) nota-se que a escola Santi na cidade de São Paulo é a que possui o maior valor de ticket médio, R\$ 3.775, seguida pela rede de escolas pH com mensalidades no valor de R\$ 2.718. Na sequência observa-se os colégios Anglo e Embraer com valor de ticket médio de R\$ 2.385 e R\$ 2.3345, respectivamente. As marcas CEI R e Sigma, apresentam os respectivos valores de R\$ 2.211 e R\$ 2.050. Na faixa entre R\$ 1.500 e R\$ 2.000, notam-se as marcas Latu Sensu, Integrado, Maxi, Colégio Salvador, CBV e Motivo. Entre R\$ 1.000 e R\$ 1.500, pode-se ver as escolas Pensi, Nota 10, ECSA, Ideal, ISSO, CEI, Master e CIE. As escolas Alfa, Pitágoras e Elite são as que apresentam os menores tickets médios, ficando o valor das mensalidades abaixo dos mil reais (R\$965, R\$ 885, R\$ 768, respectivamente).

Corroborando com a análise de redes feita anteriormente, destaca-se que a marca Elite (nome dado a 45 unidades), que possui o menor valor de ticket médio e portanto a mais acessível do ponto de vista econômico, revela uma possível estratégia da holding em pulverizar a referida marca ao longo do país, de modo que os lucros sejam maximizados pela quantidade de matrículas e não necessariamente pelo alto valor pago nas mensalidades. Essa prática comercial que é comumente notada nos setores do mercado de varejo, agora pode ser percebida também no campo educacional como forma de acúmulo de capital e maximização dos lucros

As análises dos dados revelam o posicionamento da educação enquanto serviço e mercadoria que só está disponível a quem possui determinado poder econômico aquisitivo. Observa-se ainda uma clara segmentação que segue a lógica do mercado, perseguindo o objetivo de ofertar condições de aquisição aos diferentes níveis socioeconômicos. É nesse contexto que a mercantilização da educação se acirra e aprofunda o processo de financeirização, visto que a oferta educacional estatal é minimizada e delinea a competitividade como o único meio de sobrevivência (Dowbor; Blandy, 2022).

Desvendando os labirintos da financeirização na educação básica: perspectivas sobre a Holding Eleva Educação

Esses portfólios com diferentes marcas expõem projetos educacionais ambíguos, ao passo que possuem escolas “*premium*” de ensino bilíngue, tempo integral e internacionais, que são voltadas a parcela mais abastada da população e visam a perpetuação de dominância dessa classe, também ofertam escolas de *ticket* médio baixo e acessível que se destinam às classes médias e baixas. Enquanto nas escolas *premium* o foco se encontra na aprovação em renomadas universidades no exterior e na *network* entre famílias e alunos, nas escolas destinadas à classe média e baixa percebe-se o foco na superação acadêmica dos alunos, que oriundos de famílias mais pobres podem através de condições meritocráticas alçar espaços historicamente destinados aos mais favorecidos economicamente.

Considerações finais

Este texto intentou explicitar e analisar as negociações de fusões, aquisições, criações e vendas realizadas pela holding considerando o recorte temporal de 2013 à 2022, a fim de possibilitar ao leitor conhecer a holding Eleva Educação. Diante disso, realizou-se pesquisa de abordagem qualitativa e natureza exploratória, aliada a revisão bibliográfica, pesquisa e análise documental e utilização do *software* Gephi.

Através da análise dos dados depreendeu-se que a Eleva Educação (agora Grupo Salta), desde 2013, encontra-se em um sistemático processo de crescimento, sobretudo através da incorporação de novas marcas/escolas ao seu portfólio, bem como da criação de novos insumos pedagógicos que são comercializados para escolas próprias e parceiras. Destaca-se que esse processo, em certa medida, tem sido subsidiado por meio da incidência de capital financeirizado de fundos de investimento globais, caracterizando assim, a inserção da holding no contexto de financeirização na educação básica no qual, dentre outras coisas, as matrículas são contabilizadas como ativos e utilizadas na especulação de lucros futuros.

Observou-se também, através da análise de redes que a holding possui a marca Elite como uma ferramenta central no que diz respeito a disseminação das unidades escolares do grupo, apontando que há um plano de negócios em curso, qual seja a maximização dos lucros através do quantitativo de matrículas e não somente pelo elevado valor de mensalidade, como é o caso da Escola Eleva que tem o maior *ticket* médio da *holding* no valor de R\$ 6.000,00.

No contexto de disputa entre os diferentes projetos educativos propostos pelas escolas pública e privada, dada a fragilidade dos normativos legais imposta mediante aos avanços da desregulamentação, notou-se que as empresas educacionais no Brasil estão livres para lucrar e aprofundar a configuração da educação enquanto mercadoria negociável, que tem seu papel

social reduzido aos interesses das famílias/clientes e dos investidores do mercado financeiro que detêm participações na composição societária do grupo.

Assim, faz-se imperativo se o opor ao processo de financeirização e seu aprofundamento sobre o campo da educação básica, reforçar o espírito da coisa pública e a importância do Estado enquanto regulador da atividade educacional (sobretudo as com fins lucrativos), garantidor da oferta, da igualdade de acesso e das condições de permanência dos direitos sociais duramente conquistados ao longo de décadas, como é o caso do direito humano à educação.

Reconhecendo as limitações dessa pesquisa, aponta-se também a necessidade de em pesquisa futura analisar o quantitativo de unidades e respectivas matrículas, bem como, explicitar quais são os insumos pedagógicos comercializados pelo grupo Eleva Educação, a fim de dimensionar cada vez melhor a inserção da holding no processo de financeirização na educação básica. Destaca-se ainda ser necessário estar atento para eventual abertura de capital da empresa na bolsa de valores, o que pode mudar significativamente o papel da *holding* no referido processo.

Referências

ADRIÃO, T.; ARAUJO, F. Privatização da educação no contexto de financeirização da economia: a indução da oferta educacional privada por fundos de investimentos. **Jornal de Políticas Educacionais**. V. 17, e86124. Janeiro de 2023.

ADRIÃO, T.; DOMICIANO, C. Educação Pública e as Corporações: avanços e contradições em uma década de ampliação de investimento no Brasil. **FINEDUCA –Revista de Financiamento da Educação**, Porto Alegre, v. 8, n.º. 3, 2018.

ADRIÃO, T. **Dimensões da privatização da educação básica no Brasil**: um diálogo com a produção acadêmica a partir de 1990. Brasília, ANPAE, 2022.

ARAUJO, F.; ADRIÃO, T. Riscos iminentes de privatização da educação básica: reflexões sobre conjuntura, a LDB e o novo Fundeb. **Retratos da Escola**, v. 15, n. 33, p. 767–785, 2021. DOI: 10.22420/rde.v15i33.1312.

AZEVEDO, M. **Escola Eleva abre inscrição, no Recife, para alunos bolsistas de baixa renda**. **Jornal do Comércio**, 2021. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/enem-e-educacao/2021/05/12130627-escola-eleva-abre-inscricao-no-recife-para-alunos-bolsistas-de-baixa-renda.html>. Acesso em: 17 de ago. 2022.

BASTOS, P. P. Z. Financeirização, crise, educação: considerações preliminares. Texto para Discussão. **IE/UNICAMP**, Campinas, n. 217, mar. 2013. Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/3256/TD217.pdf>. Acesso em: 19 de maio de 2022.

Desvendando os labirintos da financeirização na educação básica: perspectivas sobre a Holding Eleva Educação

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Brasília, 1988.

BRASIL. **Lei 9.394** de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

CERQUEIRA, Sofia. **Escola Eleva Abrirá Unidade na Barra em 2019**. Veja Rio, 2018. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/escola-eleva-abrira-unidade-na-barra-em-2019/>. Acesso em: 17 de ago. 2022.

CURY, C. R. J. A educação escolar no Brasil: o público e o privado. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 4, n. 1, p. 143–158, mar. 2006.

CHESNAIS, F. **A mundialização financeira**. São Paulo: Xamã, 1998.

DOWBOR, L.; BLANDY, B. A financeirização da educação brasileira e seus impactos . **REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA**, [S. l.], v. 14, n. 36, p. 801–825, 2023. DOI: 10.58422/repesq.2022.e1335.

ELEVA. **Eleva Educação**, 2022. Disponível em: <https://elevaeducacao.com.br>. Acesso em: 15 de ago. 2022.

FORBES. **Quem são os 51 brasileiros em 2023 com mais de US\$ 1 bilhão**. Forbes – Forbes Money, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2023/04/quem-sao-os-51-brasileiros-em-2023-com-mais-de-us-1-bilhao/>. Acesso em 22 de maio de 2023.

FOSTER, J. B. **A financeirização do capital e a crise**. Outubro, v. 18, 2009.

GALZERANO, L. S. A educação vai ao mercado financeiro: Somos Educação em debate. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 21, p. 1-21, 2021. DOI: 10.20396/rho.v21i00.8660130.

GERA. **Gera Capital**. 2023. Disponível em: <http://geracapital.com>. Acesso em: 16 de ago. 2023.

HARVEY, D. **O Neoliberalismo: história e implicações**. Edições Loyola, São Paulo, 2008.

ISTO É DINHEIRO. Cade aprova troca de ativos editoriais e de ensino básico entre eleva. **Isto é Dinheiro**, São Paulo, edição no 1270 21.04, 2021. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/cade-aprova-troca-de-ativos-editoriais-e-de-ensino-basico-entre-eleva/>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

JARDIM, Lauro. Rede de Escolas Eleva é Vendida. **O Globo – Rio**, 2022. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/rede-de-escolas-eleva-e-vendida.html>. Acesso em: 18 de ago. 2022.

KAPUCO, N.; HU, Q.; KHOSA, S. **The State of Network Research in Public Administration. Administrations e Society Published**, Florida, 6 november, 2014.

KOIKE, B. **Grupo Salta**, de Lemann, vai abrir 40 escolas ao ano. Valor Econômico – Empresas, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2022/12/01/grupo-salta-de-lemann-vai-abrir-40-escolas-ao-ano.ghtml>. Acesso em: 24 de maio de 2023.

LAPAVITSAS, Costas. The financialization of capitalism: ‘Profiting without producing’. **City**, v. 17, n. 6, p. 792-805, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1080/13604813.2013.853865>.

LAVINAS, L.; ARAÚJO, E.; BRUNO, M. **Brasil**: vanguarda da financeirização entre os emergentes? Uma análise exploratória. Texto para Discussão 032, Instituto de Economia - UFRJ, 2017.

MANECHINI, G. **ELEVA**: Jorge Paulo Lemann quer criar a melhor escola do Brasil. GQ-Globo, fev. 2017. Disponível em: <https://gq.globo.com/Prazeres/Poder/noticia/2017/02/eleva-jorge-paulo-lemann-quer-criar-melhor-escola-do-brasil.html>. Acesso em: 16 de ago. 2022.

MARTELETO, R. M. Análise de rede sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, v. 30, p. 71-81, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652001000100009>.

MIRANDA, E. Grupo Eleva compra Mace, Nota 10 e mais três escolas em Mato Grosso do Sul. **Correio do Estado**, nov. 2017. Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/cidades/grupo-eleva-compra-mace-nota-10-e-mais-tres-escolas-em-mato-grosso-do-sul/316084>. Acesso em: 16 de ago. 2020.

OLIVEIRA, Rebeca. Sucesso no Rio, Escola Bilíngue Eleva virá para Brasília. GPS - **Lifetime**, Brasília, 2019. Disponível em: <https://gpslifetime.com.br/conteudo/cotidiano/news/70/sucesso-no-rio-escola-bilingue-eleva-vira-para-brasilia>. Acesso em: 17 de ago. 2022.

OLIVEIRA, R. P. A Transformação da Educação em Mercadoria no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 30, n. 108, p. 739-760, out., 2009.

OLIVEIRA, R. P. A financeirização da economia e suas consequências para a educação superior no Brasil. MARINGONI, G. **O negócio da educação**: a aventura das universidades privadas na terra do capitalismo sem risco. São Paulo: Olho D’Água/FEPEESP, p. 27-35, 2017.

RAPOSO, P. Colégio CBV recebe aporte milionário e prepara expansão pelo Nordeste. **CBN Recife**, jan. 2020. Disponível em: <https://www.cbnrecife.com/movimentoeconomico/artigo/colégio-cbv-recebe-aporte-milionario-e-prepara-expansao-pelo-nordeste>. Acesso em: 16 de ago. 2020.

RESENDE, C. A. S. Análise de redes sociais: o método e sua utilização nas Ciências Sociais brasileiras. **Ciências Sociais UNISINOS**, vol. 56, núm. 1, pp. 94-103, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4013/csu.2020.56.1.09>.

Desvendando os labirintos da financeirização na educação básica: perspectivas sobre a Holding Eleva Educação

SAMOR, G. EXCLUSIVO: Eleva compra Agenda Edu para alavancar canais digitais. **Brazil Journal**, set. 2020. Disponível em: <https://braziljournal.com/exclusivo-eleva-compra-agenda-edu-para-alavancar-canais-digitais/>. Acesso em: 16 de ago. 2022.

SAMOR, G. EXCLUSIVO: Eleva receberá aporte e já vale mais de R\$ 1 bi. **Brazil Journal**, jun. 2017. Disponível em: <https://braziljournal.com/exclusivo-eleva-recebera-aporte-e-ja-vale-mais-de-r-1-bi>. Acesso em: 16 de ago. 2020.

SETTI, R. Nova dona da Escola Eleva, Inspired já começa a avaliar expansão pelo Brasil. **O Globo** – Capital, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/capital/post/2022/10/nova-dona-da-escola-eleva-inspired-ja-comeca-a-avaliar-expansao-pelo-brasil.ghtml>. Acesso em: 23 de maio de 2023.

VALENTI, G. Eleva compra Edtech Kattum, plataforma para a formação de professores. **Exame In**, jan. 2022. Disponível em: <https://exame.com/exame-in/eleva-compra-edtech-kattum-plataforma-para-formacao-de-professores/>. Acesso em: 8 de setembro de 2022.

Notas

ⁱ Pesquisa financiada pelo CNPq (processo nº 405647/2021-2) sob a coordenação de Theresa Adrião.

ⁱⁱ Os dados financeiros apresentados nesta seção correspondem a valores nominais à época.

ⁱⁱⁱ Considerando a limitação deste presente texto, os dados detalhados referente ao quantitativo de matrículas e unidades por marca foi suprimido para ser apresentado em publicação futura.

^{iv} Neste texto entende-se por ticket médio o valor referente a mensalidade.

Sobre o autor

Felipe Araujo

Doutorando em educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), mestre em educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais (GREPPE/UNICAMP), da Rede Latino-Americana e Africana de Pesquisadores em Privatização da Educação (ReLAAPPe) e colaborador do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (CEAUP). E-mail: felipesaraujo.fsa@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0829-116X>.

Recebido em: 25/08/2023

Aceito para publicação em: 29/08/2023